

TEZZA, C. *O filho eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Vivianne Fleury de Faria*

A eternidade d' *O filho eterno*

E agora esse filho, essa pedra silenciosa
no meio do caminho.

(Cristovão Tezza)

Crítico literário, ator, professor universitário, doutor em Literatura, autor de mais de vinte livros, entre eles sua tese de doutorado, *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*, o versátil e produtivo escritor catarinense Cristovão Tezza é uma das boas notícias da literatura brasileira contemporânea. Dentre seus romances estão *Trapo*, de 1988, com o qual ficou conhecido, *Breve espaço entre cor e sombra*, de 1998, e *O fotógrafo*, lançado em 2004, com os quais recebeu os prêmios Machado de Assis, de melhor romance do ano, e Bravo!, de melhor obra de ficção.

Seu livro mais aclamado é *O filho eterno*, que recebeu vários prêmios e é objeto desta resenha crítica. Em 2007, o romance recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de melhor obra de ficção do ano. Em 2008, auferiu os prêmios Jabuti e Bravo! de melhor romance, Portugal-Telecom, de Literatura em Língua Portuguesa, e Prêmio São Paulo de Literatura. No ano seguinte, recebeu o prêmio Zaffari & Bourbon, da Jornada Literária de Passo Fundo, e foi classificado pelo *O Globo* como uma das dez melhores obras de ficção brasileira da década. Traduzido e lançado

* Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (UnB), professora de Língua Portuguesa e Literatura do Centro de Educação e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), da Universidade Federal de Goiás (UFG). *E-mail*: vivifleury@hotmail.com.

em alguns países da Europa, em 2010 recebeu o prêmio Charles Brisset, da Associação Francesa de Psiquiatria.

Sobre este festejado livro há muito que investigar e considerar, partindo desde os dados mais gerais de sua composição. Pois, afinal, este é mesmo um romance? Leitura absorvente, *O filho eterno* tem o ritmo ágil e a marcação temporal da crônica; o apelo verossimilhante da biografia, alguns dos gêneros com que flerta mais de perto. E sua linguagem densa, lírica em vários trechos, explora os limites entre a prosa e a poesia. De fato é, como está informado na folha de rosto, um romance. Contudo, calcada que é na experiência própria do autor, espécie de imagem que se reflete no espelho *ad infinitum*, esta é uma ficção autorreferente.

Sim, pois, de fato, Tezza era um relojoeiro como o herói do romance e deixou essa profissão porque não sustentaria suas aspirações literárias. Também ele foi ator, passou um tempo como imigrante na Europa, é professor universitário, entre outras “co-incidências” entre ele e o protagonista. Como o personagem, é um escritor de romances – dos mesmos que escreveu Cristovão Tezza (!) –, que ele cita e visita na obra em questão. Finalmente, o escritor é pai de um garoto como Felipe, único personagem nomeado no livro, que nasceu com Síndrome de Down. Este é o ponto central e oscilante desta narrativa comovente que dá conta da história do filho ao narrar a história do pai.

Mas a questão dos limites entre os gêneros só interessa ao analista na medida em que desvela a crise do romance. Ainda que não se manifeste – ou não seja tão explícita – na maioria dos casos, esta crise remonta ao surgimento do gênero que, por se basear na experiência singular e sempre nova do indivíduo, é amorfo, carente de regras fixas, como as tinham os gêneros clássicos. Essa instabilidade, decorrente de certa ideologia intrínseca à obra, abrange não apenas um aspecto, mas todos os paradigmas ficcionais desse romance.

Assim, em *O filho eterno*, da mesma forma que os limites entre romance e biografia são imprecisos, o narrador heterodiegético comporta-se em certos momentos como um narrador autodiegético. Ao leitor fica sempre a impressão de que o narrador e o “pai” falam do mesmo lugar, mas de tempos diferentes. Essa sensação é acrescida à medida que se avança na leitura do livro e o pai antigo aproxima-se do pai recente. A presença do narrador em terceira pessoa parece cada vez mais diluída na narração. Com efeito, o pai contemporâneo espia – e expia – o pai de vinte anos atrás. O futuro em *O filho eterno* está sempre no horizonte, ao mesmo tempo em que é o presente do leitor e o ponto de chegada do livro.

O tempo, de fato, tem tratamento complexo no romance e também é digno de nota aqui. Não por acaso a primeira profissão do pai é a de relojoeiro. Ele tem fixação por engenhos e pelo seu conserto. E assim ele pejeja para consertar o passado ao narrá-lo – o passado, ou os passados, pois há alguns fluxos temporais no romance. Tem-se, como é forçoso em narrativas retrospectivas, o tempo presente da narração, o pai que se vê e se expõe, e o tempo passado da narrativa, o pai que acaba de receber a notícia de que seu primogênito tem Síndrome de Down e passa por todas as fases de negação e aceitação desse fato.

Permeando essas duas linhas temporais mestras, o narrador apresenta a história da vida pregressa do pai na juventude. Essa micronarrativa também se abre em outras narrativas: a do adolescente que viaja de carona para o Nordeste, sua descoberta do sexo e das drogas, sua convivência com regimes autoritários no Brasil e na Europa, onde vive como imigrante – trechos da vida deste personagem ou de outros heróis deste autor.

A certa altura, ao elencar as limitações do portador de Síndrome de Down, o narrador menciona a incapacidade desses indivíduos de perceberem a passagem do tempo. Seria essa uma limitação ou uma libertação? A reflexão sobre o devir permeia o discurso do pai em vários momentos. Se para o filho Felipe não há o tempo, o pai quer desesperadamente que ele volte ou que avance para um momento em que seu martírio tenha fim, como em *Fausto*, uma das obras que visita discretamente: “prevê a vertigem do inferno em cada minuto subsequente de sua vida” (TEZZA, 2007, p. 32); e “Se o demônio aparecesse ali, ele faria o pacto” (TEZZA, 2007, p. 99).

Além do *Fausto*, de Goethe, há outras muitas referências, explícitas ou nem tanto. Algumas mais recorrentes são Nietzsche, Heidegger, Rousseau e Huxley. Todas essas referências constituem um arcabouço teórico que fundamenta a ideologia do romance e estão à espera de um analista de fôlego. Sobretudo *Admirável mundo novo* e *Emílio, ou da Educação*, citadas no início e algumas vezes ao longo da narrativa, constituem uma chave de interpretação de *O filho eterno*. Em Rousseau, a natureza é fim e método de ensino de Emílio, sua realidade suprema. Este autor contestava, então, o Estado, a Igreja, a civilização, todas as formas de organização da sociedade do século XVIII, que considerava repressivas por serem não naturais.

Na obra de Huxley, pelo contrário, o autor previa que, ainda no século XX, a natureza perderia seu papel, inclusive na reprodução da espécie humana. Nessa obra, assiste-se à derrota da natureza, o ápice da civilização,

que se torna assim autossuficiente. Contudo, o homem perde a sua (como dizer de outra forma?) humanidade. Esse mundo descrito por Huxely é oposto ao que Rosseau prega como primeira lição: “homens, sejais humanos”. Obras extremas e antagônicas estas, no entanto, expõem a ação corruptora da sociedade sobre os homens e a ameaça do domínio do homem pelo homem.

Não por acaso, portanto, como pano de fundo de *O filho eterno*, passam-se os últimos suspiros da ditadura no Brasil e a transição para a atual democracia, décadas finais do século XX. Não por acaso também, o pai, na juventude, vive algumas situações em que a Ordem estabelecida – a ordem do pai – afiança a sujeição do homem pela força. Ele testemunha a Revolução dos Cravos em Portugal; vaga pelas ruas da Alemanha oriental nos anos 1970; em pleno regime militar, é abordado pela polícia com um grupo de teatro em São Paulo.

Já nos anos 1980, em que o Brasil está refazendo-se dos anos de chumbo da ditadura, o pai não aceita a natureza do filho. A ideologia da dominação, ainda muito presente e aguda, é metáfora do preconceito que leva o pai a desejar a morte do filho, ou a impor-lhe tratamentos torturantes. De fato, findo o momento de negação, o pai procura transformar o filho em *outro*, submetê-lo a um padrão oportuno de normalidade. O pai é o militar e o filho é o subversivo: “No quarto escuro, súbito se ilumina a parede com a imensa laranja em close, o texto em maiúsculas, e a voz do pai, como um sargento fazendo a ordem-unida, repete ‘laranja’ – clact, clact, outra foto –, ‘árvore’ – clact, clact, outra foto” (TEZZA, 2007, p. 106).

Nesse momento, é pertinente chamar a abordagem de Antonio Candido. Segundo o mestre maior da crítica literária nacional, na medida em que uma obra literária necessariamente representa seu momento histórico, como um documento, há na literatura brasileira uma gradação da consciência amena, catastrófica e dilacerada do atraso. Alguém poderia perguntar: Consciência do atraso nesse livro? Sim, como em qualquer outra obra, e nesta a consciência mais aguda do atraso apresenta-se, pois dá a ver em vários níveis o embate entre a forma – ou fôrma – ocidental e a matéria local. Sim, pois a crise do romance abrange não apenas aspectos formais do romance. Pelo contrário, forma e conteúdo, mais que indissociáveis, são afetados pelo objeto, no caso, o angústia do pai, sua(s) trajetória(s) de rebeldia na juventude, e de repressor, quando se torna o pai.

O fato é que, se é ficção ou biografia, se narrado em 1ª ou 3ª pessoa, isso não é importante. No caso de *O filho eterno*, a crise do romance ou dos paradigmas ficcionais é sintoma da qualidade estética dessa obra, característica inerente a outros romances da ficção brasileira, como *Vidas secas* e *Grande sertão: veredas* – para citar alguns dos maiores. A crise dos paradigmas ficcionais, que não se vergam servilmente a um gênero, é expressão da literatura que não provê um espaço de conforto para o leitor – mas de confronto –, como o é do narrador, do pai com o seu passado. *O filho eterno* é uma narrativa literária, um livro sincero sobre experiência irremediável da paternidade. Ao fim e ao cabo, um pai é sempre um pai de seu filho:

Ele jamais fará companhia ao meu mundo, o pai sabe, sentindo súbita a extensão do abismo, o mesmo de todo dia (e, talvez, o mesmo de todos os pais e de todos os filhos, o pai contemporiza) – e, no entanto, o menino continua largando-se no pescoço dele todas as manhãs, para o mesmo abraço sem pontas. (TEZZA, 2007, p. 221)